



Divulgação

Longe de ser dondoca

Já aos três anos de idade, Costanza reclamava quando não gostava de uma roupa, e hoje acompanha os desfiles mais importantes do mundo. Mas também trabalha o dia todo e defende a democratização da moda

Por Marcella Chartier Fotos: Gabriella Pascolato - Santa Constância e outras histórias - editora Jaboticaba

"Muito pequena ainda, ela já tinha alguma coisa que a distinguia. Ela sempre foi diferente. Acho que desde bebê ela já se sentia a tal", diz a mãe de Costanza Pascolato no livro *Gabriella Pascolato - Santa Constância e outras histórias*, da editora Jaboticaba, escrito pelo jornalista Sérgio Ribas.

Nascida na cidade de Siena, no norte da Itália, Costanza veio para o Brasil aos 6 anos, em 1945, e estudou no Dante até se formar, em 1959.

"Nunca fui uma aluna exemplar, eu era rebelde", confessa a ex-aluna que, já no Colégio, transformava o uniforme: encurtava a saia, amarrava a gravata de um jeito diferente, puxava a manga da camisa. O que parecia um capricho de menina já era, na verdade, sinal de que Costanza se atraía pelo mundo da moda.

Rotulada como dondoca, teve dificuldades para conseguir um emprego quando começou a procurar, na década de 1970. Mas aproveitou bem a chance que lhe foi dada na editora Abril, onde começou trabalhando como produtora de moda. "Pelo *layout* que eu tinha, ninguém aceitava que eu pudesse trabalhar", conta. Mas ela provou seu talento e sua capacidade, e hoje, aos 68 anos, Costanza é uma das consultoras de moda mais reconhecidas e respeitadas do país. Além de comparecer sempre aos mais importantes desfiles no Brasil e no exterior, ela cuida também da Tecelagem Santa Constância, fundada por sua mãe em 1948. Mantém disposição e saúde para seguir uma rotina que começa cedo, às seis e meia da manhã, e que muitas vezes termina tarde da noite, quando Costanza tem seus compromissos sociais. "Eu gosto de gente", diz. Impecavelmente vestida, ela continua belíssima. Atenciosa, ela recebeu a reportagem da *DanteCultural* em seu bonito apartamento no bairro de Higienópolis, em São Paulo, falou sobre sua trajetória pessoal e profissional, e claro, sobre moda.

Quais são suas lembranças dos tempos de Dante?
Entrei no Dante em 1947, era fabuloso. Eu era mais velha que os outros, que me chamavam de italianinha. Levei muito tempo para entender que eu era grande e bonitinha. Então os meninos viviam me provocando, me chamando de italianinha, de chocolate - porque me chamavam de Pascolato -, e demorei para entender que eu incomodava de uma maneira criativa. Isso para mim já foi uma liçãozinha que aprendi. E como sou muito tímida, apesar de não parecer hoje, tive que superar isso.

Eu não era uma aluna exemplar, era ruim à beça porque sempre fui um pouco rebelde. Se eu tinha que fazer alguma coisa, fazia mais ou menos o contrário para ver o que acontecia. Eu mudava o uniforme: Tinha que usar a gravata de um jeito, eu amarrava de outro; a saia era meio comprida, e eu levantava; abaixava a meia; puxava a manga da camisa...

Celso Lafer, seu colega de Dante e entrevistado na edição anterior da revista, disse que a senhora "já naquela época conseguia dar um charme todo

especial ao uniforme imposto às moças".

Minha mãe diz que desde os 3 anos eu tinha crises quando ela mandava fazer minha roupa - uma costureira ia em casa. Uma vez ela me deixou na frente do espelho sozinha, foi atender ao telefone e quando voltou eu chorava desesperadamente porque queria um vestido mais curto. E chorava porque aquilo era uma questão fundamental. E eu me lembro até hoje de quando tinha 3 anos e meio: eu tinha um maiô de tricô com um quadradinho estreitinho no centro do peito e queria que ele fosse maior. Eu ficava puxando, aquilo me incomodava. Não tinha lycra na época. Então eu nasci com essa noção de moda. Não me visto só por me vestir, mas para sempre fazer um depoimentozinho, todos os dias. Tem um significado, são aventurazinhas diárias.

O que a senhora escolhe para vestir tem a ver com o seu humor?

Eu sou mais prática hoje. Ligo muito para a agenda, porque sempre trabalhei longe de casa. E trabalhando muito, você sai de manhã e não volta para casa até a noite. Então olho a agenda

e penso: bem, essa roupa funciona amanhã de manhã, à tarde e à noite. Vejo a previsão do tempo na internet e, à noite, preparo as coisas para não ficar tonta na última hora.

O que de seus sonhos de criança foi realizado?
Eu sempre fui muito fantasiosa, de inventar histórias. Quando eu era pequena, sempre pensava numa vida de glamour. Achava as estrelas de Hollywood o máximo, inatingíveis, e queria ser uma delas. Eu queria também ter uma casa minha, que sempre sonhava que era numa esquina. A minha primeira casa, na verdade, foi esta aqui. *[Costanza mora numa esquina]*. O resto era de aluguel, quando me casei com um banqueiro (o Robert Blocker), vivemos em vários lugares, ficávamos muito entre São Paulo e Nova York.

E por que o sonho de a casa ser numa esquina?
Não tenho a menor idéia, mas era um sonho recorrente. E eu queria ter um lugar que fosse meu. Nos sonhos, era sempre no meio das árvores e numa esquina...

E aqui dentro tem muitas plantas, mesmo... (ao menos seis vasos grandes na sala)

Não, venha ver. *[Costanza se levanta e vai até a janela. Vários galhos de uma árvore plantada na calçada terminam quase entrando em seu apartamento]*. A única vez na minha vida em que saí na rua de pijama foi quando quiseram cortar esta árvore. Não deixei de jeito nenhum.

Depois de se formar no Dante, que caminho a senhora seguiu?

Eu sou "super fugida" da escola, mas sempre li pra chuchu. Cabulava aula e lia tudo o que me passava pela frente. Não é bom falar isso para a



A beleza de Costanza foi herdada da mãe, Gabriella

juventude, porque hoje em dia eu não teria conseguido fazer o que fiz sem ter me formado. Mas sempre li e continuo lendo loucamente. Depois fiz um curso de História da Arte em Florença, na Itália, depois alguns outros cursos, de tudo que fosse visual. E tenho estudado com os melhores professores de literatura, filosofia, jamais estaria tão atualizada se não continuasse estudando. Nos últimos seis anos, fiz aulas duas noites por semana com professores como o José Miguel Wisnik (*músico e professor de Literatura da USP*), sobre Guimarães Rosa, poesia, enfim, um monte de coisas que voltaram a me fazer ter prazer pela palavra escrita. Mas nos últimos três anos estou trabalhando muito e não tenho conseguido, além dos meus compromissos sociais, agüentar até 10, 11 horas da noite lúcida.

A senhora começou na editora Abril depois de se separar do seu primeiro marido?
Foi, de 1969 para 1970.

Foi convite?

Não, eu que procurava. Casada, eu vivia do meu marido e os italianos tinham o costume de dar uma mesada para as filhas e um dote. Papai me dava uma mesada e eu estava super folgada. De repente me separei, fiquei sem nada, e não queria depender de ninguém.

E qual foi o seu primeiro cargo na editora?

Produtora de moda. Ninguém queria me empregar na época, porque eu era conhecida como dondoca, filha de família, casada. Pelo *layout* que eu tinha, ninguém aceitava que eu pudesse trabalhar. Mas eu faria qualquer coisa que funcionasse. Lógico que eu gostava de moda, e quando você gosta de uma coisa, você sabe mais, se dá melhor.

Como foi até chegar à Abril?

Antes eu fui a agências de publicidade dos meus amigos e eles ficavam com o pé atrás de me empregar porque pensavam: "dondoca, encrenca essa mulher". Aí comecei a fazer luminárias em casa, até bonitinhas, e vendi para uma loja da rua Augusta dos anos 70 que se chamava Ao gosto Augusta. O problema foi que elas começaram a derreter, porque eram de plástico... então esse incipiente negócio não deu certo, quiseram devolver. E eu ainda quis escrever um cartão: "deixar aceso por apenas 20 minutos". Luminária assim é difícil, né...

Depois disso, eu queria preparar vitrines. As pessoas deixavam, mas não me pagavam. Na época, ninguém cuidava das vitrines. Eu tinha visto nos Estados Unidos, eles são campeões nisso. Mas como era um calote atrás do outro, parei.

Aí fui procurar uma amiga minha que era, aliás,

Não me visto só por me vestir, mas para sempre fazer um depoimentozinho, todos os dias. Tem um significado, são aventurazinhas diárias

amiga de infância do meu ex-marido: a Olga Krell, editora de decoração e de cozinha da *[revista] Claudia*. E foi assim:

- *Preciso de uma produtora de decoração.*
- *Faço o que você quiser.*
- *Mas precisa trabalhar de verdade...*
- *Trabalhar eu vou, você vai ver.*

Então ela me deu uma tarefa. Eu tinha que pegar móveis falsos-coloniais na [rua] Teodoro Sampaio da época, que eram feios pra caramba, e fazer seis ambientes, que entrariam em 12 páginas. Não tive dúvidas: ia para as casas dos meus amigos, pegava tapetes persas, objetos, tudo. E depois me falaram: "tá muito bom, muito bonitinho, mas esses acessórios são muito caros, as leitoras vão reclamar". Então tive que refazer. Mas sempre me virei. Nesse momento o Atílio Baschera, que era diretor de moda da *Claudia*, me convidou para fazer uma edição de *Claudia Moda*, que era um catálogo de moda pronta. Era a primeira revista que tinha como intenção fotografar moda pronta no Brasil, de confecção. Em 1970, a gente contava nos dedos as confecções. Elas faziam duas coleções por ano, uma no inverno e outra no verão. Até ali todo mundo mandava fazer na costureira. Eu tive a sorte e o privilégio de começar nessa época que foi bacana. Eles investiram bastante em mim nos 16 anos que passei lá.

Claro que tive altos e baixos, mas era muito mais experimental naquela época, dava para fazer muita coisa diferente. Hoje cada veículo tem o seu lugar, seu nicho, seu objetivo, seu mercado, tudo muito certinho. Na época a *Claudia* era uma espécie de abertura, tinha informação até de tendências de comportamento para a mulher de classe média que era emergente na época. Então foi a revista que falou de maneira didática e simplificada com a dona de casa, via uma

colunista chamada Carmem da Silva. Eu nunca tinha ligado para esse negócio de feminismo - que, aliás, passava longe daquele meu grupo social e da minha vida, eu via os intelectuais discutindo e parecia tão longínquo da minha realidade, porque tudo ia muito bem. Eu era um pouco rebelde, mas jamais de ficar questionando qual era o meu lugar na sociedade. Eu vi, depois de um tempo, que o salário dos homens que faziam a mesma coisa que eu eram mais altos. Mas em vez de ficar chateada, eu pensava: "Vou melhorar e ganhar mais do que eles".

E depois da editora Abril?

Saí de lá no final de 1986, para entrar na fábrica *(a Tecelagem Santa Constância)*. Meu pai estava muito doente e minha mãe estava cuidando dele, pediu para eu ajudar. Eu pensei: "mas não sei fazer isso". Morria de medo, mas eu tinha aprendido o olhar de jornalista. Eu sempre me colocava no lugar da consumidora, para saber em que ela estaria interessada.

Suas atribuições na tecelagem eram bem diferentes das que tinha na editora. Como foi essa mudança, para a senhora?

Eu nunca fui administradora, aliás, sou péssima administradora. Sou muito boa de produto, do que fazer, que é importante numa fábrica. Administração sempre foi com o meu irmão. Sou realmente empenhada, e quando vejo que a coisa não está indo bem, dou a volta que for necessária. Eu costumo ter ataques novidadeiros de sete em sete anos.

Eu fui a agências de publicidade dos meus amigos e eles ficavam com o pé atrás de me empregar porque pensavam: "dondoca, encrenca essa mulher"

Costanza foi matriculada no Dante em 1947 e estudou no Colégio até o final do então chamado curso Clássico (hoje Ensino Médio)

Arquivo Dante

COLÉGIO DANTE ALIGHIERI

SÃO PAULO — ESTADO DE SÃO PAULO

FICHA INDIVIDUAL DO ANO LETIVO DE 1957

NOME DO ALUNO... COSTANZA PASCOLATO

Data do nascimento: 19 de setembro de 1939

Natural de: Siena - Itália

Nome do pai: Michele Pascolato

Nome da mãe: Gabriella Pallavicini

Residência:

Observações:



FREQUÊNCIA (Anotações das faltas)

Em 1942, com a mãe,
e o pai, Michele



Na tecelagem, a senhora se acostumou a uma rotina?

Infelizmente sim, porque tem que ter uma disciplina. Eu acordo todo dia às 6 ou 6 e meia, depende se eu saí na noite anterior, me arrumo toda, faço meditação. Levo duas horas para ficar pronta e saio para a aula de pilates, todo santo dia. É religioso. Depois da aula, começa meu dia. Vou para a fábrica, ou fico por aqui quando tenho reuniões fora, mas é bastante raro.

Você se preocupa sempre em seguir a moda?

Não é que eu siga, eu vivo a moda. Mas faz muito tempo que eu faço a minha moda. Escolho o que gosto mais dentro da coleção atual, ou da futura. Fui construindo um estilo próprio. Às vezes é melhor ficar com peças de dois, três anos atrás, do que cair na cilada de pegar alguma coisa que não fica bem.

Até que ponto a senhora acha que a democratização da moda está acontecendo?

Ela é fundamental. A moda vista pelo leigo é sempre uma coisa especial ou muito cara. Roupas que já têm grife cobram mais caro. Mas a moda entrou, já faz uns cinco anos, numa expansão nos itens de preço médio a baixo. Vou explicar como é o mapa geopolítico da moda: os lançamentos são feitos pelo hemisfério norte, uma estação adiantada da nossa, e dessas propostas todas, o chamado *fast fashion*, ou seja, as marcas mais baratas do mundo, copiam o que está sendo mostrado pelo luxo a um décimo do preço e com uma rapidez que atropela os lançamentos do luxo. E o luxo precisa da exposição da mídia, porque senão as pessoas não conhecem as novidades nem se familiarizam com as novas idéias. Mas as marcas baratas vivem em função das outras, portanto uma alimenta a outra.

O luxo, hoje, é obrigado a lançar novidades entre estações, as chamadas pré-coleções, para não serem atropelados pelo *fast fashion*, já que os preços são acessíveis. A democratização da moda é evidente via preço, e é a da moda, não mais a da roupa. A roupa não tinha expressão *fashion*. Mas hoje, uma blusinha simples e baratinha que você encontra numa grande loja, tem um elemento de moda. Essa é a democratização da moda.

E o Brasil tem toda a vocação para ser industrial, sempre fizemos bem o jeans e a camiseta. Hoje o país está entrando meio devagar e confusamente nisso, mas vai conseguir. O luxo nunca vai ser uma especialidade brasileira. O que vai acontecer é que marcas intermediárias vão melhorar, ficar cada vez mais com o sotaque brasileiro, mais próprias para o público daqui. Existe uma expressão de estilo brasileira que é reconhecida.

Diz-se que a moda no Brasil está em crise. Está em crise do jeito que conhecemos nos anos 80, com aquele estilo de boutique que era inovador, lançando grifes que cobravam muito caro. Na década de 1990, com a abertura para as importações, eles sofreram um primeiro grande baque e tiveram que se profissionalizar para enfrentar a invasão das marcas estrangeiras. Portanto, podemos falar que a verdadeira moda brasileira só tem 17 anos, mais ou menos.

Costuma prestar atenção a novos talentos?

Muito menos do que eu gostaria, porque não tenho tempo. Fui à Casa de Criadores (*evento que reúne desfiles de novos estilistas*), vejo desfiles. Na fábrica também patrocinamos novos talentos. Em todos os níveis, do Bom Retiro ao Jardim Europa.

A senhora faz muitas compras?

Sabe que nem tanto? Acabo gastando mais tempo e dinheiro mais para fazer o guarda-roupa de que preciso para aqueles 20 dias de desfiles dos lançamentos no exterior, todo ano. Eu tenho que estar em ordem em todos os seis, sete desfiles diários, porque todos os profissionais e jornalistas mais importantes do mundo se reúnem nesses lugares. E aqui no Brasil também, no São Paulo Fashion Week e no Fashion Rio, onde sou super fotografada. Preciso estar bem por uma questão pessoal, mas também profissional, trazer uma linguagem visual que agrade aos outros e que me mantenha, apesar da idade, contemporânea. No momento em que eles identificarem que estou ficando careta, eu perco prestígio profissional. Eles sabem ler o que estou usando e sabem exatamente que cada acessório tem um significado no conteúdo. Não é nada simples, para qualquer um entender, nada pronto para foto. Posso ser bem ou mal sucedida. Mas é um risco que preciso correr.

O que a senhora considera beleza?

Beleza é estilo, muito mais do que o que você faz, como você se comporta... ainda mais na minha idade, o que eu vou fazer? Ficar me puxando? Eu gostaria até, mas estou fraquinha para essas coisas, é muito arriscado. Arriscar a saúde por uma ruga a menos?

Eu penso nas limitações físicas que tenho.

Portanto, jamais mostro meus braços, porque a pele já venceu faz tempo, uns 20 anos. Se você é uma pessoa ressentida, isso reflete no rosto. É mais uma expressão do que uma ruga.

Às vezes fico com uma cara meio preocupada, mas é porque estou raciocinando. Estamos aqui para viver o melhor possível.

A moda hoje vive muito do retrô, do que era moda nas décadas passadas. A senhora acha que tudo já foi criado ou ainda há o que inventar?

Tem muita gente que faz coisas diferentes, mas sempre baseadas em algo que já existiu.

O futurismo só foi interpretado nos anos 60 como verdade. Foi o único momento futurista em moda e em cultura. Nós nos sentimos mais confortáveis com as idéias e estéticas que já foram utilizadas. Hoje em dia é raríssimo uma pessoa que tem

coragem de ser diferente.

O retrô foi moda no começo do novo século.

Hoje, é bom evitar copiá-lo *ipsis literis*.

Os estilistas procuram embrulhar as pistas, ou seja, usar várias décadas de referência numa mesma roupa, até transformar aquilo numa outra coisa. Eles querem despistar, porque não é o momento *fashion* de você reconhecer de que década é. Melhor ficar uma mistura. Mas evidentemente que os brechós estão na moda porque lá você encontra coisas exclusivas, e para especialistas ou para pessoas que gostam de moda e querem ser diferentes sem gastar fortunas em algum modelo exclusivo. Aliás, de exclusivo não tem mais nada, porque no luxo, o que era raro e caro só está caro.

O retrô vai sempre existir, tranqüiliza as pessoas. O olho já acostumou. Quem cria e quem lança quer que as pessoas tenham vontade de usar. Então não adianta fazer coisas muito esquisitas, senão ninguém vai querer comprar.

A senhora acha possível, principalmente no Brasil, que se consolide o uso de tecidos de alta tecnologia na promoção da sustentabilidade?

Com certeza dá para fazer. Mas o mundo está vivendo agora uma espécie de jardim-da-infância do conhecimento de como conseguir efetivamente essa sustentabilidade. Porque o pessoal pensa: "algodão orgânico, que maravilha, isso vai salvar o mundo". E não é bem isso. Você tem que ver todo o processo, o quanto é poluente, o quanto gasta de luz, água, o tempo de colheita. Uma fibra estética, tipo *nylon*, tem muitos ou quase todos os ingredientes para ser altamente sustentável, porque vai menos água, menos óleo de tingimento, não precisa ficar passando o tempo todo, para lavar é mais rápido. Esses cálculos estão sendo feitos agora e até que tudo seja economicamente viável, vai levar um tempo que talvez nem tenhamos. Isso já aconteceu bastante na Europa, nos Estados Unidos, simplesmente eliminaram todas as

Beleza é estilo, muito mais do que o que você faz, como você se comporta... ainda mais na minha idade, o que eu vou fazer? Ficar me puxando? Arriscar a saúde por uma ruga a menos?

indústrias têxteis e de confecção, mas estamos sendo invadidos pela China, que é "anti" qualquer coisa, não estão nem aí. O Brasil ainda está no início, mas é um país que pode aprender rapidamente.

Existe alguma coisa que ainda sonha em realizar na sua carreira?

Muito. Em termos econômicos, não preciso de mais do que tenho. Meu sonho é ter muita saúde para continuar fazendo tudo isso. Tenho muita vontade de continuar investindo em conhecimento e aperfeiçoar a minha capacidade de organização do tempo, que é o grande luxo, para poder continuar aprendendo.

Na Santa Constância, tecelagem da família da qual Costanza (à direita) cuida desde que saiu da editora Abril. No centro, Gabriella



Santa Constância

Quando o então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, baixou uma medida para reduzir as importações, no final da década de 1940, Gabriella Pascolato se viu obrigada a parar de vender os sapatos do italiano Salvatore Ferragamo, seu amigo pessoal. Já apaixonada por moda, conhecia as tendências que corriam pelo mundo. Naquele momento sabia, por exemplo, que as roupas passariam a ser mais femininas e que, para que se fizessem nelas as curvas que acompanhariam as silhuetas das mulheres, era necessário mais tecido. E já pensava: o Brasil precisaria de uma produção maior. Michele Pascolato, seu marido, tinha uma importadora. Soube de um navio com uma carga de tecidos italianos que, por causa de sua origem, haviam sido rejeitados - um boicote a produtos vindos da Itália, por causa da guerra. Michele comprou toda a carga com o dinheiro enviado da

Itália pelo pai de Gabriella, e o casal vendeu tudo rapidamente a profissionais da alta costura e decoradores.

Gabriella viu nos tecidos uma direção para começar um negócio. E descobriu que colônias japonesas e alemãs do interior de São Paulo pagavam as dívidas que tinham com os bancos em fios de seda. Michele comprou a matéria-prima dos bancos, conseguiu um empréstimo, e abriu a fábrica. No livro *Gabriella Pascolato - Santa Constância e outras histórias*, Gabriella conta que o nome Santa Constância foi escolhido por três motivos. A maioria das fábricas de tecido da época tinham "Santa" no nome. O "Constância" veio depois. "Além de ser um jeito de usarmos o nome de nossa filha, já passava da hora de termos alguma constância nessa história", diz Gabriella, no livro.